

Resenha de “Adrift on an island sea”, de Hal Langfur

Carmen Margarida Oliveira Alveal*

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Natal, Rio Grande do Norte, Brasil

Pedro Henrique Calazans Fernandes de Paiva**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Natal, Rio Grande do Norte, Brasil

Recebido em: 27 set. 2025



Aprovado em: 12 dez. 2025



Publicado em: 30 abr. 2026

Resumo

Resenha de: LANGFUR, Hal. *Adrift on an island sea: misinformation and the limits of empire in the Brazilian backlands*. Stanford: Stanford University Press, 2023. 456 p.

Palavras-chave: Colonização. Informações. Sertões. Império Português.

* Professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Departamento de História. PhD em História pela Johns Hopkins University; Mestre em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; graduada em História pela Universidade Federal Fluminense. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: carmen.alveal@ufrn.br
 <https://orcid.org/0000-0002-1202-0231>  <http://lattes.cnpq.br/1118391491224309>

** Estudante de Licenciatura em História na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Bolsista de Iniciação Científica do CNPq. E-mail: pcalazans21@gmail.com
 <https://orcid.org/0009-0005-0011-0642>  <http://lattes.cnpq.br/8792788420615843>

Hal Langfur, em seu segundo livro,¹ navega por questões tempestivas sobre a Independência do Brasil. Como um "veleiro" aprumado, *Adrift on an Inland Sea: misinformation and the limits of empire in the Brazilian backlands* devassa, como uma quilha, os sertões da então principal colônia lusitana. As alusões marítimas são uma marca contínua no curso da obra. Utilizou-se aqui, além de imagens similares às do autor, outras que remontam a Chico Buarque² e Maiakovski (1987, p. 185). Langfur mergulhou em mais de vinte arquivos, separados por tantas léguas e tantos mares, no Brasil, em Portugal e nos Estados Unidos da América e empreendeu uma investigação que articula as reformas setecentistas com incursões sertanejas. Não obstante este esforço de micro-história, Langfur preocupou-se com os rastros destes agentes em diferentes camadas sobrepostas. Os sertões e suas fronteiras, como locais de ciência inacessível senão àqueles que lhes mareavam, pululam de seu sentido semântico à forma narrativa. A territorialização da soberania régia, a partir da "descoberta" das fronteiras internas, dependia, no argumento do "capitão", da coleção de informações acuradas repassadas à metrópole. Como se pode ver, este não foi o caso concreto.

Quatro são os caminhos das incursões pelo qual o "livro-veleiro" é dividido, progredindo espacial e cronologicamente nas tentativas de consolidação do poderio régio em seus *limes*, ora acertados com a coroa castelhana. O recorte selecionado parte dos enclaves, "ilhas habitadas", da capitania das Minas Gerais às fronteiras internas durante a segunda metade do XVIII e as primeiras décadas do XIX. Em cada inquirição, o autor relaciona as personagens selecionadas a partir das informações contraditórias acerca de suas vidas com a *intelligentsia* ainda mais contraditória repassada às autoridades coloniais. Inácio Correia Pamplona (cujo prumo apontou em sentido Leste-Oeste da Rosa dos Ventos), Manoel Henriques – "Mão de Luva" – (em sentido norte-sul), José Vieira Couto e Isidoro de Amorim Pereira (sudeste-noroeste) e Maximilian zu Wied-Neuwied (sul-norte) são concomitantemente desmistificados em sua forma e em seus conteúdos.

Os recursos do autor para realizar esta operação, ancorados na densa bibliografia e no conhecimento dos arquivos, estão permeados pela sátira jocosa e pela inscrição dos interesses particulares nas memórias das personagens e nas narrativas que lhes foram imputadas pela historiografia. Deste modo reforça que, à semelhança dos sertões terem sido construídos, no primeiro momento, com base na conveniência da economia de mercês, as biografias daquelas seguiram igualmente lendas e louros que, no caso concreto, não ocorreram. Quando a historiografia oitocentista tomou o mero relato documental por seu "valor de face", reproduziu e consolidou cristalizações alheias à história. Com a decadência da extração

1 Seu primeiro livro, ainda sem tradução para o português também é de 2006.

2 Chico Buarque, "Tanto mar", no LP *Chico Buarque & Maria Bethânia ao Vivo*. (Rio de Janeiro: Phonogram; Philips, 1975, faixa 10).

aurífera, crescimento demográfico no Brasil e o acerto dos limites entre possessões lusitanas e castelhanas nas Américas, a coleção de informações acuradas esteve no centro das necessidades régias, para que regulações igualmente acuradas pudessem tomar efeito. O que Langfur indica é que, no caso efetivo, a desinformação foi o principal meio de reprodução social dos agentes ultramarinos.

A dissimulação, como parte da desinformação, tornou-se um *topos* das hinterlândias geográficas e cognitivas, historicamente galvanizadas. O poderio imperial ultramarino e a empresa colonial são postos sob um jogo constante de forças e interesses dos intermediários (das mais variadas origens) em reter, repassar ou distorcer seus saberes aos esforços de territorialização da soberania régia. O mesmo fenômeno transcende da história à forma narrativa. Como as ondas, Langfur avança e regressa sobre a bibliografia interdisciplinar, as distorções historicistas e os documentos inquiridos e parafraseados. Este movimento de quilha enfatiza, a partir dos saberes construídos e dos interesses envolvidos, os meios pelos quais se desejava atendê-los. Um oceano de agentes, epistemologias e contradições: povos originários, bacharéis cientificistas, potentados rurais, prospectores clandestinos, povos quilombolas, entre outros, mais ou menos partícipes da miragem de glórias.

Não fosse já instigante esta crítica operação historiográfica, a quilha argumentativa quebra as ondas do passado e assinala os impactos da longa dissimulação sobre comunidades no presente. Quanto às glórias imperiais, o caso concreto demonstrou que não passavam de quimeras. Não à toa esta obra, publicada em inglês em 2023, já foi agraciada, em sua breve vida, com três premiações: o Prêmio Roberto Reis em 2023, o Prêmio Sérgio Buarque de Holanda de Melhor Livro em Ciências Sociais em 2024 e o *Warren Dean Memorial Prize* em 2024,³ juntamente com o *From Conquest to Colony* de Kirsten Schultz (2023). Ambas as obras, lamentavelmente ainda não publicadas no Brasil, compartilham o espírito de compreensão das ações da Coroa e das contradições na colônia do Brasil que, no limite, levaram à Independência em 1822. Com contribuições importantes à historiografia, ambas devem ser consideradas doravante na composição dos currículos de graduação afora, desde que as editoras brasileiras se interessem. Cabe, por ora, deslanchar às partes da obra de Langfur.

Ao longo da primeira parte (capítulos 1 e 2), o leitor é convidado a acompanhar as memórias de Inácio Pamplona, potentado rural, pelos sertões ocidentais da capitania, local já povoado onde "devassou" e distribuiu concessões de sesmarias. Neste ínterim, garantiu terras para si, desterroando desafetos, quilombolas e indígenas, com dissimulações mitológicas e epeicas. Na segunda parte (capítulos 3, 4 e 5), Manoel Henriques, o "Mão de Luva", é o inimigo central de um largo esquema de inquisições e investigações contra as operações clandestinas de mineração nas matas e fronteiras da capitania. Os agentes da coroa puderam,

3 Os prêmios citados foram conferidos, respectivamente, pela *Brazilian Studies Association* (BRASA), pela *Latin American Studies Association* (LASA) e pela *Conference on Latin American History* (CLAH). As três premiações estão voltadas a obras em inglês acerca do Brasil e da América Latina.

combatendo o garimpo ilegal, mapear parcialmente as serras localizadas entre Minas Gerais e Rio de Janeiro. Na terceira parte (capítulos 6 e 7), na virada entre o XVIII e o XIX, a sinergia entre dois elementos "alquímicos" improváveis – Vieira Couto, bacharel em Coimbra, e Isidoro, o "Rei-Propector-Preto"; um cientificista e um garimpeiro perdoado –, resulta em uma expedição pífia. O interesse ilustrado por novas áreas de mineração não logrou êxitos relevantes para qualquer uma das partes envolvidas.

Nos três casos, buscava-se reverter a decadência da extração mineral; o que não se alcançou. Não obstante, a presença "real ou imaginada" de povos "bravos" (indígenas e quilombolas) nos interiores foi "informada" como uma ameaça iminente; justificava-se, portanto, o povoamento em larga escala. O programa que se propugnava estava à mercê da concessão de sesmarias e da abertura de caminhos, a fim da conversão das terras em frutos à Fazenda Real. Interpelava-se o mito do "descobrimento" com a necessidade de oferta elástica de glebas e consequente arregimentação do trabalho nas lavouras e minas. Apregoava-se, com distorções do concreto, a desterritorialização de todos os povos que não compartilhassem das projeções da metrópole à colônia.

Este programa aportou com a Corte em 1808, sendo executado inicialmente no curso da década seguinte. Para garantir a prosperidade e o poderio efetivo sobre "seus" domínios, a Coroa empreendeu o esforço propugnado até então. O tema da quarta parte do livro (capítulos 8 e 9) recai sobre a desinformação cognoscente relativa à guerra justa contra os "botocudos" – que, segundo Langfur, deve ser encarada em grau de relevância equivalente, senão maior, à abertura dos portos. A personagem então destacada, o príncipe Maximilian zu Wied-Neuwied, renano que esteve no Brasil no início do século XIX, catalogando fauna flora e grupos indígenas, como denunciado pelo próprio autor, ainda pouco estudado (como as demais personagens).⁴ O príncipe Maximilian transcendeu a relação que os demais intermediários tinham até então: de mero "desinformante" à Coroa para um disseminador do racismo científico ao "mundo civilizado". Atuou, deste modo, como um fiador da desumanização de diversos povos originários (genericamente alcunhados de "botocudos") até hoje afetados pelos esbulhos, violências e arbitrariedades que se seguiram. O que se observa como consequência presente nas quatro partes de *Adrift on an Inland Sea* é o somatório de comunidades despossuídas, desclassificadas e depauperadas, a partir de devaneios, de alguns indivíduos, de glórias que, no caso concreto, nunca existiram.

A síntese a que o autor chega é que, diferentemente dos casos ingleses e castelhanos, os lusitanos não conseguiram controlar as contradições que afluíam dos interiores aos litorais (p. 292-295). Deste modo, as projeções régias estavam jogadas à deriva em um mar ingovernável de ilhotas cercadas por oceanos de ignorância. Quando da Independência, a

4 Para um dos poucos trabalhos no tema, ver Costa (2008). Outros viajantes oitocentistas também têm sido objetos de estudo, como em Lisboa (1997).

coroa sequer poderia recorrer a tropas interioranas que lhe garantisse a preservação de seus domínios. A principal colônia lusa, como um turbilhão abrupto, esvaiu-se do controle metropolitano.

Esta realidade, não ficou, segundo Langfur, no passado distante. Observaram-se, durante o Império do Brasil, esforços semelhantes, nem sempre exitosos, em asseverar a soberania régia. Entrementes, pode-se observar o mesmo na República até o tempo presente. O Estado brasileiro tenta, à deriva, garantir sua soberania nas fronteiras internas da colonização amazônica. Tenta ainda garantir a democracia liberal e os Direitos Humanos a povos despossuídos e depauperados, originários ou não, lançando sua proa contra atividades criminosas de garimpeiros, sertanistas, madeireiros, entre outros agentes. Não bastasse o caso concreto, a desinformação é ainda uma garantia de reprodução social.

Como mencionado acima, o corpo bibliográfico e a argumentação de Langfur contribuem, como quilhas sobre o mar agitado da história, para o avanço da compreensão dos fenômenos entre os Setecentos e a Independência brasileira. Para se fixar aqui em algumas obras sobre as quais o autor arvora-se, consideram-se as reflexões trazidas por Carla Anastasia (2005), Célia Nonata da Silva (2007) e Francisco Eduardo de Andrade (2008) para as contradições da interiorização e ocupação de Minas Gerais.⁴ Outrossim as ponderações sobre a coleção de informações em Ângela Domingues (2001; 2012) e Ronald Raminelli (2008). O autor não se poderia furtar, ademais, de compartilhar as reflexões de Júnia Furtado (1996; 1999; 2001), Laura de Mello e Souza (1990; 2006) e Maria Regina Celestino de Almeida (2002), no que toca aos interesses e grupos envolvidos no processo de conquista, territorialização e colonização, especialmente nas franjas meridionais da América Lusitana. Não por menos, apregoamos: oxalá esta obra desperte, urgentemente, interesse editorial nacional.

5 Entre tantos outros autores e obras, escolheu-se aqui destacar estes por serem, conforme seu peso, também aqueles mais citados por Langfur em seu livro.

Referências

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Metamorfozes indígenas: Cultura e identidade nos aldeamentos indígenas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2002.

ANASTASIA, Carla. *A geografia do crime: violência nas Minas setecentistas*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

ANDRADE, Francisco Eduardo de. *A invenção das Minas Gerais: empresas, descobrimentos e entradas nos sertões do ouro da América Portuguesa*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

COSTA, Christina Rostworowski. *O príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied e sua viagem ao Brasil (1815-1817)*. 2008. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

DOMINGUES, Ângela. *Monarcas, ministros e cientistas: mecanismos de poder, governação e informação no Brasil colonial*. Lisboa: CHAM/FCSH/UNL, 2012.

DOMINGUES, Ângela. "Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais": a constituição de redes de informação no Império português em finais do Setecentos. *História, Ciências e Saúde - Manguinhos*, v. 8, supl., p. 823-838, 2001.

DOMINGUES, Ângela. *Quando os índios eram vassallos: Colonização e relações de poder no Norte do Brasil na segunda metade do século XVIII*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 2000.

FURTADO, Júnia Ferreira. *Diálogos oceânicos: Minas Gerais e as novas abordagens para uma história do Império Ultramarino Português*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

FURTADO, Júnia Ferreira. *Homens de negócio: A interiorização da metrópole e do comércio nas Minas setecentistas*. São Paulo: Hucitec, 1999.

FURTADO, Júnia Ferreira. *O Livro da Capa Verde: O regimento diamantino de 1771 e a vida no Distrito Diamantino no período da real extração*. São Paulo: Annablume, 1996.

LANGFUR, Hal. *The forbidden lands: colonial identity, frontier violence, and the persistence of Brazil's eastern Indians, 1750-1830*. California: Stanford University Press, 2006.

LISBOA, Karen Macknow. *A nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo: Hucitec, 1997.

MAIAKOVSKI, Vladimir. "E então o que quereis?..." . In: *Antologia Poética*. São Paulo: Max Limonad, 1987. [1927].

RAMINELLI, Ronald. *Viagens ultramarinas: Monarcas, vassalos e governo à distância*. São Paulo: Alameda, 2008.

SCHULTZ, Kirsten. *From Conquest to Colony: Empire, wealth and difference in Eighteenth-century Brazil*. New Haven; London: Yale University Press, 2023.

SILVA, Célia Nonata da. *Territórios de mando: Banditismo em Minas Gerais, século XVIII*. Belo Horizonte: Crisálida, 2007.

SOUZA, Laura de Mello e. *Desclassificados do ouro: A pobreza mineira no século XVIII*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

SOUZA, Laura de Mello e. *O sol e a sombra: Política e administração na América portuguesa do século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.